



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**IRLLEN CHRISCYAN ALEXANDRINO RIBEIRO DE MELO**

**Novas configurações de gênero: um estudo sobre o uso de álcool por  
estudantes adolescentes**

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

**IRLLEN CHRISCYAN ALEXANDRINO RIBEIRO DE MELO**

**Novas configurações de gênero: um estudo sobre o uso de álcool por  
estudantes adolescentes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação **em Psicologia** da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento  
à exigência para obtenção do grau de  
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Dra. **Karla Carolina  
Silveira Ribeiro**

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528n Melo, Irlen Chriscyan Alexandrino Ribeiro de.  
Novas configurações de gênero [manuscrito] : um estudo sobre o uso de álcool por estudantes adolescentes / Irlen Chriscyan Alexandrino R. de Melo. - 2014.  
21 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.  
"Orientação: Karla Carolina Silveira Ribeiro, Departamento de Psicologia".

1. Abuso de álcool. 2. Gênero. 3. Saúde pública. 4. Adolescentes. I. Título.

21. ed. CDD 616.861

IRLLEN CHRISCYAN ALEXANDRINO RIBEIRO DE MELO

**Novas configurações de gênero: um estudo sobre o uso de álcool por  
estudantes adolescentes na cidade de Campina Grande - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em **Psicologia** da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento  
à exigência para obtenção do grau de  
Bacharel/Licenciado em Psicologia

Aprovada em / / .

Karla Carolina S. Ribeiro

Profª Drª Karla Carolina Silveira Ribeiro / UEPB  
Orientadora

Sibelle Maria Martins de Barros

Prof. Drª. Sibelle Maria Martins de Barros / UEPB  
Examinadora

Ana Alayde Werba Saldanha

Profª Drª Ana Alayde Werba Saldanha / UFPB  
Examinadora

## **Novas configurações de gênero: um estudo sobre o uso de álcool por estudantes adolescentes na cidade de Campina Grande – PB**

Irllen Chriscyan Alexandrino Ribeiro de Melo; - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, Brasil<sup>1</sup>.

Karla Carolina Silveira Ribeiro - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, Brasil<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O crescente consumo de álcool, especialmente entre jovens, configura-se como um problema mundial de saúde. Conhecer o público vulnerável é necessário e a partir desta perspectiva, o presente estudo foi desenvolvido. A amostra contou com 816 estudantes da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande – PB, com média de idade de 16,32 anos. Para coleta de dados, utilizou-se um questionário autoaplicável, as análises foram feitas através da estatística descritiva e teste bivariado. Investigaram-se questões sobre o uso do álcool na vida, idade da primeira experimentação, frequência de uso no último mês, motivação para o uso e consequências da ingestão, relacionando-as com as perspectivas de gênero. O índice de uso de álcool na vida, encontrado entre os jovens estudados, foi de 72%, com idade média de primeira experimentação aos 13,4 anos. Delineando uma nova configuração no padrão de beber, foi constatado que nos 30 dias antecedentes à pesquisa, 59% do público feminino ingeriu álcool. Sobre as consequências do uso do álcool, percebeu-se que 50,8% das mulheres “fizeram algo que não fariam”, enquanto “a ressaca” prevaleceu para 51% dos homens. Ainda sobre as consequências, brigas e práticas sexuais tiveram a mesma porcentagem para ambos os sexos (50% cada). Os resultados apontam uma significativa mudança nos papéis e gênero em relação ao consumo de álcool. Destaca-se o emergente quadro de estreitamento entre os gêneros e a evidente necessidade de ressignificar antigas práticas e criar políticas públicas direcionadas ao tema.

**PALAVRA-CHAVE:** Álcool. Gênero. Vulnerabilidade. Campina Grande.

---

1 Graduada em Psicologia. Residente na Rua Santa Cecília, nº 386, Santo Antonio, Campina Grande/PB, CEP: 58406-015. Email: [irllenmelo@gmail.com](mailto:irllenmelo@gmail.com) Fone: (83) 8650-7193 ou (83) 9654-6749

2 Doutora em Psicologia Social. Residente na Rua Norberto Castro Nogueira, nº 1014, Jardim Oceania, João Pessoa/PB, CEP 58037-603. E-mail: [karlacribeiro@yahoo.com.br](mailto:karlacribeiro@yahoo.com.br) Fone (83) 3043-0164 ou (83) 8811-9564.

## Introdução

O consumo de substâncias psicoativas não é um fenômeno atual, estando presente ao longo da história da humanidade como fator de risco cada vez mais significativo (GALDURÓZ et al, 2005a). Inúmeros são os tipos e mais ainda os efeitos que elas causam. Enquadradas como substâncias legais ou ilegais, o uso abusivo costuma ser prevalente, sendo causa de muitas consequências negativas não só para aqueles que consomem, como também para os indiretamente envolvidos (OLIVEIRA, LUCHESI, 2010).

Nas últimas décadas, novos enfoques e conceitos foram dados ao tema consumo de substâncias psicoativas, o qual está sendo considerado um problema de saúde pública em todo o mundo (OMS, 2010; RIBEIRO, LARANJEIRA, MESSAS, 2012). Os novos conceitos visam melhorar a compreensão e tratamento deste problema, tendo em vista que anteriormente apenas os usuários pesados e dependentes de substâncias ilegais (cocaína, crack, êxtase, entre outras) chegavam à atenção do sistema de saúde. Atualmente, de acordo com os últimos dados do UNIAD (2013) – Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas, o enfoque também é dado aos usuários de substâncias legais (álcool e cigarro) e como estas se tornam porta de entrada para o consumo das demais (substâncias ilegais), principalmente pela relação existente entre idade de iniciação ao consumo e dependência. Desse modo, não apenas os dependentes, mas também aqueles que apresentam problemas relacionados diretamente ao episódio de uso passaram a receber atenção da saúde pública (RIBEIRO, LARANJEIRA, MESSAS, 2012).

O quadro antigamente caracterizado pela figura masculina adulta como principal consumidor se transforma e dá lugar a novos padrões de consumo, de forma que na atualidade, a figura feminina vem ganhando destaque significativo, bem como jovens adolescentes. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011) estima que no mundo 2,5 milhões de pessoas morrem no ano como consequência do uso abusivo do álcool e que, neste cenário, 320 mil vítimas são jovens com idade entre 15 e 29 anos. Os danos são drásticos para a população adulta, sendo maior ainda pelos jovens adolescentes que já fazem uso, tendo em vista que essa população está propensa a vulnerabilidade social. Neste campo compreende-se vulnerabilidade como a chance de exposição das pessoas ao adoecimento, resultante de um conjunto de aspectos que, ainda que se refiram imediatamente ao indivíduo, o recolocam na perspectiva da dupla-face, ou seja, o indivíduo e sua relação com o coletivo (AYRES, 2000).

A vulnerabilidade social se delinea na própria construção da adolescência, sendo esta caracterizada pela busca do novo e pela construção de uma identidade pessoal, por um

crescimento diferenciado que anseia independência, surgimento de novos relacionamentos que muitas vezes é sinônimo de pressão e ditador de regras, além da construção dos seus próprios valores. O grupo adolescente tem características peculiares que denotam quão significativas são as experiências vivenciadas durante essa fase para a construção e consolidação da personalidade do sujeito, sendo assim, é uma fase que requer bastante cuidado e atenção (MIRANDA et al, 2007).

A vida é composta de fases complexas e a passagem delas significa a possibilidade de um amadurecimento para a conclusão da fase última. As primeiras etapas envolvem inúmeros cuidados e atribuições específicas de todos os membros da família (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MINUCHIN, 1982). A construção da identidade se dá nessa fase, de forma que não somente as mudanças físicas são marcantes, como também as psicológicas. A construção de valores, compreensão de novos sentimentos, formulação de opiniões próprias e diferenciação das figuras paternas possibilitam o delineamento da sua auto-imagem que é imprescindível para a formação de um ser humano autêntico. Não somente o ambiente familiar entra em questão, mas também suas redes de apoio com as relações sociais proporcionadas, também irão contribuir neste processo (ERICKSON, 1976; PEREIRA, 2009).

O álcool sendo uma droga que proporciona euforia, desinibição comportamental e aumento das expressões afetivas, costuma ser alvo de escolha pela população jovem, tendo em vista que facilita o processo de construção e transição da adolescência, costumeiramente visto como problemático por eles. Enquadrados como população socialmente vulnerável, o fator autopreservação é visto enfraquecido, justamente por terem menos controle sob as forças que afetam seu bem-estar (MARQUES; CRUZ, 2000). As bebidas alcoólicas são as substâncias psicotrópicas mais utilizadas por adolescentes, dentro deste contexto, os riscos de violência e acidentes são significativamente mais elevados (FADEN, 2005; GALDURÓZ et al, 2005b).

O uso moderado do álcool, como apontam Vieira et al. (2007) e Costa et al (2004), pode ser benéfico para a saúde, entretanto, a linha que separa esse possível benefício e o malefício causado pelo uso abusivo se torna muito tênue, se configurando, então, como um alerta. Como reflexo de um quadro excessivo, são encontrados diferentes tipos de problemáticas trazidas por esta prática. Além do quadro agudo de intoxicação grave podendo chegar à overdose, se elenca as situações crônicas que possuem efeitos prolongados e até irreversíveis, como câncer, doenças hepáticas, comprometimento das condições fetais podendo chegar ao aborto espontâneo, transtornos neuropsiquiátricos, abuso e dependência,

acidentes automobilísticos, homicídios, suicídios entre muitas outras consequências que se colocam como reflexo das condições proporcionadas pela ingestão dessa substância (ANDRADE, ANTHONY, SILVEIRA, 2009).

O I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira (2007) corrobora também com os dados anteriormente citados e ao pesquisar duas populações – a de adolescentes (14 a 17 anos) e a de adultos (18 anos ou mais), afirma que 52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem ao menos 1 vez ao ano, destes, 65% são do sexo masculino e 41% são do sexo feminino. Já o último Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) e pela Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), revela que o consumo de álcool por adolescentes de 12 a 17 anos já atinge 54% dos entrevistados e desses, 7% já apresentam dependência. O estudo foi realizado em 2010 e mostrou que entre jovens de 18 a 24 anos, 78% já fizeram uso da substância e 19% deles são dependentes. Para se ter uma idéia de como o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência aumentou, no levantamento anterior, realizado em 2007, apenas 5% dos adolescentes pesquisados preenchiam os critérios para dependência do álcool.

De acordo com Villacé, Fernández e Costa Júnior (2013) o hábito do consumo de álcool está associado com a situação socioeconômica, educacional e ocupacional, se configurando de acordo com os padrões culturais do sujeito, diferindo apenas, o modo como se é usufruído. O fator gênero há muito tempo atrás era bastante significativo quando se relacionava o consumo de álcool e o perfil do sujeito que possui seu hábito. Robins e Martin (1993) em pesquisas relacionadas à década de 1990 vinculava o álcool à usuários tipicamente masculinos com o caráter social que há muito esse gênero carrega consigo. Sendo sinônimo de poder e opressão, essa associação com o perfil do homem deixava a mulher intacta moralmente, já que era uma questão de conduta o hábito da figura feminina se resguardar e privar-se dessas situações, estigmatizando claramente a figura da mulher, tanto as que não ingeriam como também as que faziam o uso de bebidas alcoólicas.

O fato é que apesar dos homens ainda se configurarem como os típicos bebedores na atualidade, a ascensão das mulheres em relação ao seu papel social, permitiu que estas delineassem novos hábitos e também ganhasse uma parcela no consumo geral dessa substância. Os dados gerais do VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, realizado no ano de 2010 mostram que as drogas mais citadas pelos estudantes foram bebidas alcoólicas e tabaco, respectivamente com 42,4% e



9,6% para *uso no ano*. Sendo que, 57,2% do gênero masculino e 61,4% do gênero feminino, fizeram uso de álcool *na vida*. Comparando esse mesmo estudo realizado no ano de 2004, foi constatada uma diminuição no número de estudantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, tanto para os parâmetros de *uso na vida* quanto *no ano*.

Inserido no cenário brasileiro, Freitas, Ribeiro e Saldanha (2012) realizaram um estudo direcionado a capital Paraibana objetivando delinear o consumo de álcool por gênero em diferentes zonas na cidade de João Pessoa, tendo como local específico, escolas de grande e pequeno porte da rede estadual de ensino. O universo populacional da pesquisa contou com 1138 estudantes, sendo 42% do sexo masculino e 58% do sexo feminino, com média de idade de 16 anos, variando entre 12 a 20 anos. Foi possível constatar que o uso na vida foi de 76% considerado significativamente superior ao encontrado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas no levantamento nacional do ano de 2004, que foi de 65,2%. Se comparado ao estudo atualizado no ano de 2010, este resultado ainda permanece elevado, considerando que o uso na vida de álcool foi de 59,3% (CEBRID, 2010). A idade em que houve a primeira experimentação foi em média de 14 anos (DP = 2,04), corroborando com a maior parte da faixa etária (14 a 17 anos) do I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool no ano de 2007 e o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada nas Capitais brasileiras, no ano de 2010.

Direcionando especificamente para o aspecto gênero, constatou-se que entre os que já haviam feito uso do álcool, 44% foram homens e 56% mulheres, quadro este que afirma a relevância não só do referido estudo como também a posição atual da figura feminina. Como aspectos motivadores foram observados que o gênero masculino se destacou para o fato da bebida ajudar nas relações sexuais; já o feminino foi tendencioso para o fator “faz esquecer as coisas ruins” e “aumenta a simpatia, alegria e animação”. Pode-se destacar as consequências pesquisadas, ainda segundo o gênero, que os homens se destacaram quando se refere às brigas e práticas sexuais e as mulheres dizem ter feito algo que não fariam sem o efeito do álcool (FREITAS, RIBEIRO, SALDANHA, 2012).

No intento de se realizar um quadro comparativo entre a capital João Pessoa e a cidade de Campina Grande, o presente estudo se trata de uma réplica do que em 2012 foi realizado pelas autoras supracitadas. Morrison, Matuszek, Self (2010), Riedl (2007) e Berthon et al, (2002 apud LENNAN, AVRICHIR, 2013, p.41) afirmam que “replicar significa pesquisar novamente com a finalidade de observar, investigar, experimentar, comparar os resultados e definir claramente as teorias”.

Conhecida como Rainha da Borborema e sendo a segunda maior cidade da Paraíba, Campina Grande é destacada por ser um dos principais pólos tecnológicos da América Latina, caracterizada também como uma cidade tipicamente universitária. Segundo o IBGE (2010) a população campinense atual é de aproximadamente 400 mil habitantes, sendo que 17% desta população são jovens entre 10 a 19 anos de idade. Isso implica dizer que uma quantidade significativa da população desta cidade se enquadra no perfil amostral da presente pesquisa, além de que, sendo Campina Grande um pólo universitário, jovens de cidades satélites vizinhas e até de outras regiões são atraídos para essa região, acabando sendo incluídas neste perfil (SOARES, 2014).

Uma vez que a adolescência (CARTER; McGOLDRICK, 1995; MINUCHIN, 1982) é uma etapa de vulnerabilidade e de relevante cuidado, esta pesquisa tem por objetivo traçar o perfil do jovem campinense usuário de bebida alcoólica e contrastar com o padrão de consumo da capital João Pessoa, assim como confrontar com a literatura e o quadro já traçado pelas pesquisas nacionais.

## **Método**

### **Característica do estudo**

O presente estudo é de caráter descritivo e transversal, que permite traçar um perfil dos adolescentes com relação ao uso do álcool, associando as características desse consumo com o aspecto gênero.

### **Participantes**

Participaram deste estudo, de forma probabilística, 816 estudantes da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande – Pb, dos quais 41% são do sexo masculino e 59% do sexo feminino. A média de idade dos adolescentes foi de 16,32 anos (DP = 1,35), variando de 12 a 20, sendo que 4,5% encontram-se na faixa etária de 12 a 14 anos, 54,4% tem entre 15 e 16 anos, 33,7% situam-se na faixa etária dos 17 aos 18 anos, e 7,4%, dos 19 aos 20 anos. Dados semelhantes foram encontrados nos estudos realizados por Freitas, Ribeiro e Saldanha (2012), o que demonstra um perfil sociodemográfico semelhante entre a capital João Pessoa e a cidade do presente estudo – Campina Grande.

## **Instrumento**

Foi utilizado um questionário auto-aplicável contendo questões bio-demográficas e relacionadas ao uso do álcool (uso na vida, idade da primeira experimentação, frequência de uso nos últimos 30 dias, motivação para o uso e conseqüências da ingestão), construído com base no estudos de “The Behavioral Risk Factor Surveillance System” (BRFSS) (USDHHS, 1999); Farias Jr. (2002); De Bem (2003); Azevedo (2007) e Amaral (2007).

## **Procedimentos**

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, protocolo no 0908, e autorizada pela Secretaria Estadual de Educação, procurando respeitar todos os aspectos éticos que trata da pesquisa com seres humanos. Após esta etapa, entrou-se em contato com a direção das instituições (uma localizada no bairro da Prata, outra no Catolé e a última localizada no Jardim Paulistano), solicitando a autorização das mesmas e dos responsáveis legais dos adolescentes que tinham idade inferior a 18 anos, como também dos próprios participantes. A partir desses consentimentos foram agendadas visitas as escolas. A aplicação do questionário foi realizada por pesquisadores devidamente treinados e se deu de forma coletiva em ambiente de sala de aula. Para proceder ao levantamento das informações, inicialmente foram informados aos estudantes sobre os objetivos da pesquisa, esclarecendo que as informações fornecidas seriam mantidas em sigilo, não influenciando no seu desempenho escolar e que só seriam utilizadas para fins de pesquisa. Além disso, os alunos foram orientados para não se identificarem no questionário.

## **Análise de Dados**

As análises foram feitas através do software SPSS for Windows, mediante estatística descritiva (Medidas de Posição e Variabilidade), estatística Não-Paramétrica (Qui-Quadrado) e testes bivariados (teste T de Student e Qui quadrado) a fim de verificar a existência ou não de associações entre as variáveis do estudo.

## **Resultados e discussões**

A prevalência encontrada entre os jovens estudados referente ao uso de álcool na vida foi de 72%. Quando se compara este dado com o encontrado na pesquisa atualizada no ano de

2010 pelo CEBRID é observado o aumento no percentual de ingestão, tendo em vista que 59,3% da população estudantil avaliada nas 27 capitais brasileiras afirmaram já ter ingerido álcool. Este dado é bastante relevante e corrobora com a conclusão extraída do levantamento anteriormente citado. O cuidado especial ao qual a população adolescente recebe é decorrente dos riscos apontados em inúmeras pesquisas em relação ao ato de beber, nunca configurado como sendo de baixo risco, confirmando assim, o caráter de vulnerabilidade ao qual estão sujeitos. No mês que antecedeu a pesquisa 41,3% do adolescentes afirmaram ter ingerido bebida alcoólica, sendo que 32,5% beberam no intervalo de 1 a 5 vezes. O quadro evidenciado, não somente na pesquisa atual, traz à tona a alta frequência com que os adolescentes vêm bebendo. Embora exista uma taxa significativa de jovens abstinente, os sujeitos que bebem tendem a fazê-lo de forma problemática, seja ela de maneira frequente ou em doses elevadas, estabelecendo desta forma um padrão futuro de consumo adulto (CARLINI, 2010; GUARESCHI, REIS, HUNING, BERTUZZI, 2007).

A média de idade da primeira experimentação entre os estudantes de Campina Grande foi de 13,4 anos divergindo apenas em meses da média nacional (13,9 anos) evidenciada no I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira (LARANJEIRA et al, 2007). Entre as questões motivacionais houve maior prevalência dos fatores “aumentar a simpatia, alegria e animação” (26%) e “aceitação ou influência de grupo de amigos” (18%). As principais consequências constatadas foram a ressaca (20%) e fazer algo que não faria (11,4%).

### **Gênero e uso de álcool**

Nos últimos 30 dias que antecederam a pesquisa, 59% do público feminino e 41% do masculino revelaram ter ingerido álcool neste período. A prevalência na literatura no que diz respeito ao caráter masculino como principal consumidor de álcool é evidente, entretanto, dados como o desta pesquisa anteriormente revelados, propulsionam a busca da compreensão dessa nova configuração entre os padrões. Silveira et al (2012) e Wolle et al (2011) explanam sobre essa significativa mudança no papel da mulher nos dias atuais, destacando o emergente quadro de estreitamento entre os gêneros. O ímpeto de conquistar seu lugar faz com que a mulher repense e vá em busca do seu crescimento, logo, investe em sua educação, ganha espaço fora do lar e adquire hábitos que antigamente eram restritamente masculinos. Dentre estes, podemos incluir a saída para bares e o consumo de bebidas alcoólicas, ações estas que não são estigmatizadas como nas décadas anteriores. Inúmeras são as associações feitas para

explicar a aquisição desse novo hábito, sendo considerado o estresse proveniente de uma dupla jornada de trabalho exaustiva, como também pela sociabilidade ou pelo simples fato de apreciar este hábito.

Os resultados encontrados na Tabela 1 ratificam o novo quadro de expansão de indicadores de consumo no universo estudado, assim como no âmbito global. Com idade média de experimentação de 14,52 anos, as meninas mostraram que iniciam o primeiro contato com a bebida depois dos meninos que apresentaram idade de 14,36 anos. Embora a diferença seja de poucos meses, ambos foram mais elevados do que a média nacional constatada pelo I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo do álcool na população brasileira que foi de 13,9 anos.

**Tabela 1: Características do Uso de álcool**

<i>Variáveis</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>
Uso na vida	59,7%	40,3%
Uso últimos 30 dias	59%	41%
Frequência		
1 – 5 vezes	56%	44%
≥ 6 vezes	49%	51%
Idade Experimentação (média)	14,52 anos	14,36 anos

\*Resultados significativos com  $p = 0,001$  (Qui quadrado)

Fonte: Dados da pesquisa

Wolle et al (2011) afirmam que as problemáticas referentes ao álcool possuem maior fator de riscos para mulheres mais jovens e podem estar totalmente atreladas justamente a idade da iniciação e as experiências antecedentes. Decerto, a família é considerada um fator tanto de proteção quanto de risco para o uso de substâncias nessa fase. Kuendig e Kuntsche (2006) comprovaram em sua pesquisa que a convivência de crianças com adultos, sobretudo com os pais, que bebem excessivamente proporciona um maior consumo de álcool pelos filhos no futuro, aumentando a probabilidade de embriaguez na vida. Da mesma forma, uma

boa qualidade no vínculo familiar mostra um fator de proteção crucial nos hábitos da criança (GUIMARÃES et al, 2009).

### **Motivação/Consequências do uso do álcool**

Dos fatores estudados que motivam o comportamento de beber entre as adolescentes, prevaleceram “esquecer as coisas ruins” (62,8%) e “faz tudo parecer mais fácil” (60,6%). Para os homens foi revelado que o consumo da bebida motiva para “desinibir e ajudar nos relacionamentos sociais” (73,7%) e ainda para “ajudar nas relações sexuais” (60%). Os índices encontrados estão de acordo com demais estudos que buscaram compreender a teoria e motivação dos jovens ao beber (JONES, CORBIM, FROMME, 2001; RONZANI et al, 2009). A ideia é de que quanto mais expectativas positivas atreladas ao efeito do álcool são esperadas, maior será a frequência e as doses que os sujeitos irão ingerir.

Percebe-se que as expectativas positivas apontadas (Tabela 2) principalmente para as categorias que se referem a uma maior facilitação social e sensação de bem-estar, estão fortemente vinculadas ao uso da bebida e seu efeito. Oliveira et al (2007 apud RONZANI et al, 2009) afirma que as expectativas possuem propriedades motivacionais que estimulam o consumo de álcool porque geram um desejo de que certos efeitos e sensações aprendidos associados ao comportamento de beber podem ser experienciados.

É comum tratar a bebida como uma forma de paliativo para as dificuldades cotidianas e isso acontece independente da faixa etária estudada. Os efeitos propiciadores da bebida relaxam e desinibem, entretanto ao se configurar um hábito, dito por muitos, social, não se leva em consideração o desenvolvimento da dependência, assim como os riscos aos quais os consumidores estão sujeitos, sejam eles a curto ou longo prazo (OLIVEIRA, SOIBELMANN, RIGONI, 2007). O fator “ajuda nas relações sexuais” vinculado à bebida merece bastante destaque, tendo em vista que é indício para inúmeras problemáticas alvo de políticas públicas como a violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros.

**Tabela 2 - Fatores motivadores do comportamento de beber**

<i>Motivadores do uso do álcool</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>
Faz esquecer coisas ruins	<b>62,8%</b>	37,2%
Aumenta a simpatia, alegria e animação	<b>57,8%</b>	42,2%
Aceitação ou influência do grupo de amigos	<b>52,2%</b>	47,8%
Faz tudo parecer mais fácil	<b>60,6%</b>	39,4%
Desinibe e ajuda no relacionamento social	26,3%	<b>73,7%</b>
Ajuda nas relações sexuais	40,0%	<b>60,0%</b>

\*Resultados significativos com  $p = 0,001$  (Qui quadrado)

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto às consequências provenientes do uso do álcool, explícitas na Tabela 3, 65% do público feminino disseram não ter ocorrido nada, 50,8% delas relataram que fizeram algo que não fariam e a ressaca ficou mais prevalente para os homens (51%). As brigas foram divididas com a mesma porcentagem para ambos os sexos e indica que as mulheres estão brigando na mesma proporção que o público masculino. Na perspectiva biológica, os efeitos oriundos do excesso alcoólico promovem além de labilidade emocional, distorção na percepção, cognição e alteração na atenção, podendo estimular comportamentos violentos. Múltiplas são as evidências científicas que comprovam a associação entre fatalidades e o uso de álcool. O envolvimento com substância alcoólica é um expressivo proporcionador de situações de violência, são exemplos as agressões domésticas, homicídios, acidentes de carro, crimes sexuais entre outros (LARANJEIRA, DUAILIBI, PINSKY, 2005).

Assim como as brigas, a consequência da prática sexual constatada foi também equivalente para ambos os sexos. Esse dado se torna bastante interessante, tendo em vista que dentre as questões relativas ao gênero, o ato sexual era considerado tabu. Caracterizado como proibido, sobretudo para o público feminino, agora a mulher firma seu lugar e passa, definitivamente, a dividir o que antes era restrito aos homens. De fato, as posições ocupadas por essas figuras se diferenciam de acordo com as mudanças contextuais relativas ao tempo e às condições sociais (TONELI, 2012). O estreitamento entre a prática sexual e o uso do álcool é evidenciado em muitas pesquisas, seu entendimento é complexo e abre espaço para outros

inúmeros estudos, já que tanto a bebida tanto desinibe quanto facilita as relações, como também impulsiona os jovens a realizarem algo indesejado, como evidenciado no item “fiz algo que não faria” também com níveis consideravelmente equiparados para ambos os sexos.

**Tabela 3: Consequências do uso do álcool**

<i>Consequências da ingestão de álcool</i>	<i>Feminino</i>	<b>Masculino</b>
Nada	65,0%	35,0%
Brigas	50,0%	50,0%
Fiz algo que não faria	50,8%	49,2%
Ressaca	49,0%	51,0%
Prática sexual	50,0%	50,0%

\*Resultados estatisticamente não significativos (Qui quadrado)

### **Campina Grande x João Pessoa**

O índice encontrado referente ao uso de álcool na vida não obteve diferença significativa quando comparado ao estudo da cidade de João Pessoa que revelou ser de 76% (FREITAS, RIBEIRO, SALDANHA, 2012). Ainda assim, pode-se constatar que os dois estudos permanecem com o nível ainda mais alto do que encontrado pela atual pesquisa supracitada, realizada no ano de 2010, que revelou ser de 59,3% pelo CEBRID.

Quando se observa as características gerais do uso do álcool na cidade de João Pessoa e se compara com a cidade do presente estudo, pode-se inferir que ambos constatam que as adolescentes prevalecem com a ingestão frequente no intervalo de 1 a 5 vezes (com uma pequena diferença para mais para a Campina Grande) e em ambas as cidades, os homens também costumam beber com frequência maior ou igual a seis vezes. Vale pontuar que dentro do universo de Campina Grande o percentual encontrado foi menor, isso significa que, mais uma vez, as mulheres vêm aumentando sua parcela na ingestão de bebidas, consequentemente ganhando destaque nesse contexto.

A idade de iniciação do primeiro contato com o álcool em Campina Grande foi menor (13,4 anos) do que a capital (14 anos), em ambas as cidades, as meninas iniciam após os meninos. Com relação às motivações e consequências os dados apresentam sempre diferenças



quanto ao gênero, assim, ao passo que os homens pessoenses se destacaram para as categorias “Aceitação e influência do grupo de amigos” e “Faz tudo parecer mais fácil” as jovens campinenses também. O fato de beber com o propósito de “ajudar nas relações sexuais” mostrou que as estudantes de Campina Grande bebem mais com essa intenção do que as de João Pessoa. Quanto à consequência “briga”, a disparidade para o público masculino da capital é evidente, entretanto, em Campina ambos os sexos apresentam a mesma porcentagem. Isso também ocorre para a “prática sexual”.

Ferreira et al (2011) estudou sobre o consumo de bebidas no Nordeste Brasileiro e constatou que a prevalência está entre os homens e quando comparado aos adultos e idosos, os adolescentes se destacam. Com um quadro diferenciado, percebe-se a prevalência da figura feminina campinense, tanto na comparação com o gênero masculino da capital quanto da sua própria cidade natal.

### **Considerações finais**

A passagem da infância para a autonomia adulta envolve novas responsabilidades que muitas vezes o adolescente não compreende a dimensão, se fazendo necessários a abertura e apoio familiar. É necessário que haja um reajuste, onde se possa reavaliar e reinterpretar os novos significados dos padrões familiares, de forma que haja adaptação do sistema objetivando a manutenção do seu equilíbrio (CERVENY, 2010). Levando em consideração a grande turbulência em que o adolescente encontra nessa fase, o uso de drogas, lícitas ou ilícitas, pode vir a ser uma forma de lidar com as situações conflituosas, nunca antes vividas. Esse fato pode ser compreendido e até mesmo evitado quando se direciona o olhar sob o contexto sociocultural e familiar do jovem.

De acordo com os dados do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), há quinze anos, enquanto sete homens bebiam ,apenas uma entre as mulheres possuía o mesmo hábito. Hoje, o quadro já é bastante diferente: para cada mulher que consome álcool, a proporção masculina diminuiu para 1,2. Este então, não seria um sintoma silenciosamente denunciado pela população atual?

O presente estudo explicitou uma nova evidência dentre os jovens estudantes, menor de idade na cidade de Campina Grande –PB. Neste quadro, dos 816 sujeitos estudados 72% já fizeram o uso do álcool e 59,6% destes pertencem ao grupo feminino. Estabelecido o início de padrão de consumo maior do álcool para as mulheres, levanta-se a hipótese do futuro contexto ao qual a figura da mulher irá pertencer, tendo em vista que as questões de gênero na atualidade já apresentam um enfraquecimento e uma forte tendência para a tomada de lugar

ao qual o homem pertence. Evidencia-se uma preocupação imediata não só no que diz respeito à saúde pública, mas principalmente na perspectiva da saúde da mulher.

É interessante frisar, ainda, que a venda de bebidas alcoólicas é nacionalmente proibida para a população menor de 18 anos se enquadrando, portanto, como prática ilegal. Independente da idade ou gênero essa problemática proporciona complicações em diversos âmbitos e incita a eficaz mobilização com o propósito de prevenção. Além disso, fica claro que é imprescindível o desenvolvimento de pesquisas e levantamentos nacionais, sobretudo para os novos consumidores, para os que fazem uso pesado, mas não se configuram como dependentes.

Com os dados revelados é impossível não questionar o que diferencia e influencia esse quadro delineado por essas jovens e fica evidente a necessidade de monitoração nos próximos anos desse público, aqui destacado. O olhar sobre o consumo do álcool proporciona a identificação de grupos de risco e possibilita já um alerta para que no futuro não se configure um problema fora do alcance. Muitos são os trabalhos e pesquisas realizadas no intento de não só traçar um novo perfil da sociedade emergente como também explicar, entender e intervir nesse quadro. Entretanto, a demanda se torna proporcionalmente maior do que a quantidade de estudos e soluções tomadas, o assunto álcool é apenas um dentre os milhares de fatores de risco que vem atingindo a população mundial.

É de extrema importância a atenção das políticas públicas em relação a esse quadro que hoje se torna evidente, tendo em vista que o beber esporádico na infância/adolescência pode se tornar o vício do adulto no futuro. Essa pesquisa representa apenas o início de um processo psicossocial que deverá incluir o desenvolvimento de programas educativos adequados a essa nova realidade populacional.

**New configurations of gender: a study on alcohol use by adolescent students in the city of Campina Grande-PB**

**ABSTRACT**

Topics related to alcohol consumption are widely discussed in academia. The increasing consumption, especially among young people, configures itself as a world health problem. Meet the public vulnerable to insert itself into this gap, from this perspective this study was developed. The sample included 816 students from State schools in the city of Campina Grande-PB, the average age of 16.32 years. For data collection, it was used a questionnaire autoaplicável. The analyses were made through descriptive statistics and test demonstrated, in order to verify the existence of associations between variables. Investigated questions about alcohol use in life, age of first experimentation, frequency of use in the last month, motivation to use and consequences of ingesting, relating them with gender perspectives. The rate of alcohol use in life, found among young people studied, was 72, with an average age of first experimentation to 13.4 years. Outlining a new configuration in the pattern of drinking, it was found that in the 30 days prior to the survey, 59 of the female audience ingested alcohol. On the consequences of the use of alcohol, it was realized that women 50.8 "did something that wouldn't do", while "the hangover" prevailed for 51 of the men. Still on the consequences, fights and sexual practices were the same percentage for both sexes (50 each). The results indicate a significant change in the role of the modern woman. We highlight the emerging framework of narrowing between genders and the evident need to redefine its meaning old practices and create public policies directed to the theme.

**Keyword:** Alcohol. Genus. Vulnerability. Campina Grande.

## Referências bibliográficas

- AYRES, J. R. C. M. Cidadania, vulnerabilidade e prevenção de HIV/AIDS. In: AIDS e escola. São Paulo: Cortez, 2000. 24p.
- AMARAL, A. C. G. O uso do Álcool e a Vulnerabilidade à Aids: estudo com adolescentes gaúchos e paraibanos. Dissertação. (Pós-Graduação em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2007.
- ANDRADE A. G. ANTHONY J. C. SILVEIRA C. M.. Álcool e suas conseqüências: uma abordagem multiconceitual. Barueri, SP: Minha Editora, 2009.
- AZEVEDO, R. L. W. Aspectos Psicossociais da Sexualidade Adolescentes Associada à Vulnerabilidade ao HIV/Aids. 140 f. Dissertação. (Pós-Graduação em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2007.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CERVENY, C.M.O. Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool . Disponível em: <http://www.cisa.org.br> Acesso em: 27 de Janeiro de 2014.
- COSTA, J.S.D. et al. Consumo abusivo de álcool e fatores associados: estudo de base populacional. Revista Saúde Pública, 2004; 38 (2): 249-91.
- DE BEM; M. F. L. Estilo de Vida e Comportamentos de risco de estudantes trabalhadores do ensino médio de Santa Catarina. 2003. 158 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção – Ergonomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- ERIKSON, E.H. Identidade: juventude e crise. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1976.
- FADEN, V. Epidemiology. Em Galanter M. Ed. Recent Developments in Alcoholis, vol. 17 – Alcohol Problems in Adolescents and Young Adults. Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005.
- FARIAS, J. C. Estilo de vida de escolares do ensino médio no município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 2002. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- FERREIRA, L. N. et al . Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 27, n. 8, Aug. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011000800003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000800003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 Jan. 2014.
- FREITAS, E. S.; RIBEIRO, K. C.; SALDANHA A. A. W. O uso de álcool por adolescentes: uma comparação por gênero. Psicologiae Argumento, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 287-295, abr./jun. 2012.
- GALDUROZ, J.C.F.; NAPPO, S.A.; NOTO, A.R.; CARLINI, E.A. - A epidemiologia do consumo de substâncias psicotrópicas no Brasil: o que tem sido feito? In: Reali Jr., M. (org). Drogas. Aspectos penais e criminológicos. São Paulo. Forense, p.259-73, 2005a.

GALDURÓZ JCF, NOTO AR, FONSECA AM E CARLINI EA. V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – CEBRID. São Paulo, 2005b.

GUARESCHI, N. M. F. REIS, C. D. HUNING, S. M. BERTUZZI, L. D. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 7, n. 1, 1º semestre de 2007.

GUIMARÃES A. B. P. HOCHGRAF, P. B. F. BRASILIANO, S. INGBERMAN, Y. K. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. Rev Psiquiátr. 2009;36(2):69-74

IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria2006>>. Acesso em 16 jan. 2014

JONES, B.T.; CORBIN, W.FROMME, K. A review of expectancy theory and alcohol consumption. *Addiction*, 96(1), p. 57-72, 2001.

KAZTMAN, R. Vulnerabilidad y Exclusión social: una propuesta metodológica para el estudio de las condiciones de vida de los hogares. Chile: CEPAL, 2005.

KUENDIG, H; KUNTSCHE, E.. Family bonding and adolescent alcohol use: moderating effect of living with excessive drinking parents. *Alcohol & Alcoholism*, Vol. 41, No. 4, pp. 464-471, 2006.

LARANJEIRA, R.; DUAILIBI, S. M.; PINSKY, I. Álcool e violência: a psiquiatria e a saúde pública. *Rev. Bras. Psiquiatria*, São Paulo , v. 27, n. 3, Set. 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151644462005000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462005000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 Jan. 2014

LENNAN, M. L. F. M. AVRICHIR, I. A prática da replicação em pesquisas do tipo surveyem administração de empresas. *Administração: Ensino E Pesquisa*. Rio De Janeiro V. 14 No 1 P. 39–61 Jan Fev Mar 2013.

MARQUES, A. C. P. R. CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. *Rev Bras Psiquiatr*. Nº 22 (Supl II):32-6, 2000.

MINUCHIN, S. Famílias, funcionamento e tratamento. POA: Artes médicas, 1982.

MIRANDA, F. A. N. AZEVEDO, D. M. SANTOS, R. C. A. MACEDO, I. P. MEDEIROS, T. G. B. Predisposição ao uso e abuso de álcool entre estudantes de graduação em enfermagem da UFRN. *Esc Anna Nery Rev Enfermagem*. Dez; 11 (4): 663 – 9, 2007.

OLIVEIRA, G. F. LUCHESI, L. B. O discurso sobre álcool na Revista Brasileira de Enfermagem: 1932-2007. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto , v. 18, n. spe, jun. 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692010000700020&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692010000700020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 fev. 2014.

OLIVEIRA, M.; SOIBELMANN, M.; RIGONI, M. Estudo de crenças e expectativas acerca do álcool em estudantes universitários. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, n.º. 7(2), 421-433, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs349/es/index.html>>. Visitado em 17 de Janeiro de 2014.

PEREIRA, S. E. F. N. Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

RIBEIRO, M. ; Laranjeira R ; MESSAS, G. P. . Transtornos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas. In: Antônio Carlos Lopes. (Org.). *Tratado de Clínica Médica*. 1ª ed. São Paulo: Roca, v. II, p. 2491-2500, 2012.

ROBBINS C. A.; MARTIN, S. S. Gender, styles of deviance, and drinking problems. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 34, n.4, p. 302-21, dez. 1993.

RONZANI T. M., PAIVA F. S., COTTA, J. M. O., BASTOS, R. R Expectativas sobre os Efeitos do Uso de Álcool entre Adolescentes. *Psicologia em Pesquisa | UFJF | 3(01) | 75-86 | janeiro-junho de 2009*.

SILVEIRA CM, SIU ER, WANG YP, VIANA MC, ANDRADE AG, ANDRADE L. Gender differences in drinking patterns and alcohol-related problems in a community sample in São Paulo, Brazil. *Clinics (Sao Paulo)*. March; 67(3): 205-212, 2012.

SOARES, F. Campina Grande: Pioneirismo e Inovação Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://campinacrescecomvoce.org/view/campina-grande.html>>. Acesso em: 17 Jan 2014

TONELI, MJF. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1.

UNIDADE DE PESQUISA DE ÁLCOOL E DROGA – UNIAD. Disponível em : <<http://www.uniad.org.br/desenvolvimento/>> Acesso em 05 de Fevereiro de 2014.

U.S. Department of Health and Human Services. Center for Disease Control and Prevention. Youth Risk Behavior Surveillance System (BRFSS), 1999. Disponível em <<http://www.cdc.gov>> Acesso em: ago, 2008

VIEIRA, D.L. RIBEIRO, M. ROMANO, M. LARANJEIRA, R. R. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Rev Saúde Pública*, 41(3), 2007.

VILLACÉ, M. B. FERNANDEZ, A. R. COSTA JÚNIOR, M. L. Consumo de álcool de acordo com características sociodemográficas em jovens de 18 a 24 anos. *Latino-Am. Enfermagem* Set.-out, 2013.

WOLLE, Cynthia C et al . Differences in drinking patterns between men and women in Brazil. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo , v. 33, n. 4, Dec. 2011 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151644462011000400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462011000400010&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 Jan. 2014.

I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira /Elaboração, redação e organização: Ronaldo Laranjeira ...[et al.] ; Revisão técnica científica: Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte. Brasília : Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010/ E. A. Carlini (supervisão) [et. al.], -- São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD, 2010. 503 p.